

82.091

P6591

82

C 92569206

urina-2006/1

ELIZANE LOPES PINTO

A FIGURACAO DO SUJEITO PÓS-MODERNO EM CENTAURO
DE JOSÉ SARAMAGO

PONTES E LACERDA

2006

3124400

BIBLIOTECA
NEMAT

Campus: 1 - Arde Ponte, Jacaranda-MT

RG N: 00114548

Data: 25 / 07 / 06

() Compra ☒ Doação () Permuta

ELIZANE LOPES PINTO

**A FIGURACAO DO SUJEITO PÓS- MODERNO EM CENTAURO
DE JOSE SARAMAGO**

Trabalho Conclusão de Curso de graduação em Letras,
apresentado ao departamento de Letras (DL) da
Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus
Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial
para obtenção do título de graduado em Letras.

Área de concentração: Estudos Literários

Orientadora: Maria Inês Parolin

PONTES E LACERDA

2006

Este trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado e defendido perante a
seguinte banca examinadora:

Prof^a Ms. Maria Ines Parolin
Orientadora

Prof^a Ms. Marinei Almeida
Convidada

Prof^a Vanderluce Moreira Machado Oliveira
Indicada pelo Departamento

PONTES E LACERDA

2006

Dedico este TCC a minha querida família

Á Deus, minha fonte de vida, pois foi por ele e para ele que vivo. **Guia.** À minha querida família, que com todo amor e cuidado me deu todo o amparo necessário. **Reconhecimento.** A minha orientadora, Maria Inês Parolin meus sinceros agradecimentos que com muita paciência compartilhou comigo seus conhecimentos. **Admiração** A todos que direta ou indiretamente contribuíram, para este momento. **Reconhecimento.**

...tudo é tudo, e é que, digamos, eu não separo aquilo que é ficção do que é real e, portanto, é como se eu fizesse uma espécie de interpenetração constante entre a realidade e a ficção negando as fronteiras que existiriam entre uma e outra...

Jose Saramago

OBRAS PÚBLICADAS PELO AUTOR:

- 1947 – Terra do Pecado (novela)
- 1966 – Os Poemas Possíveis (poesia)
- 1970 – Provavelmente Alegria (poesia)
- 1971 – Desde Mundo e do Outro (crônicas)
- 1973 – A bagagem do viajante (crônicas)
- 1974 – As opiniões que o DL teve (crônicas)
- 1975 – o Ano de 1993 (poemas)
- 1976 – Os Apontamentos (crônicas)
- 1977 – Manuel de Pintura e caligrafia (novela)
- 1978 – Objecto Quase (contos)
- 1979 – A noite (teatro)
 - "O Ouvido", in Os cinco sentidos (obra coletiva)
- 1980 – Levantado do Chão (romance)
 - Que farei com este livro? (teatro)
- 1981 – Viagem a Portugal (romance)
- 1982 – Memorial do Convento (romance)
- 1984 – O ano da Morte de Ricardo Reis (romance)
- 1986 – A jangada de Pedra (romance)
- 1987 – a segunda Vida de Francisco de Assis (teatro)
- 1988 – História do Cerco de Lisboa (romance)
- 1991 – O Evangelho Segundo Jesus Cristo (romance)
- 1993 – In Nomine Dei (teatro)
- 1994 – Cadernos de Lanzarote (vol I)
- 1995 – Ensaio sobre a cegueira (romance)
 - Cadernos de Lanzarote (vol II)
- 1996 – Cadernos de Lanzarote (vol. III)
- 1997 – Cadernos de Lanzarote (vol. IV)
 - Todos os nomes (romance)
 - O Conto da Ilha Desconhecida (conto)

RESUMO

A obra *Objecto Quase* de Jose Saramago ({1978}1997) nos dá um leque de possibilidades para reavaliarmos sobre a condição do sujeito na pós-modernidade, seja na sua forma interior, suas lutas psíquicas, na sua relação com o mundo, na sua maneira de portar-se frente aos acontecimentos nesta sociedade do capitalismo tardio. O escritor usa de pequenos detalhes da vida cotidiana para evidenciar a sua crítica a esta sociedade capitalista que coloca o objeto em primeiro plano ao do "ser"

O conto que estará sendo trabalhado é o penúltimo da obra: "Centauro", o qual vem colocar em xeque a composição do sujeito inserido nesta sociedade capitalista. Trata-se de uma figura mitológica formada por metade homem e metade cavalo, vivendo numa triste condição, a de percorrer o mundo para encontrar um lugar de descanso. Esta busca se torna ainda mais dramática visto que ele vive um conflito consigo mesmo.

Desta maneira o essencial para nós será trazer a discussão a condição do personagem como sendo análogo ao sujeito pós-modernidade

Palavras-chaves: resignificação, figuração, junção, fundir.

SUMARIO

A APRESENTAÇÃO DO PERSONAGEM.....	11
RELAÇÃO DA TRAJETÓRIA DO CENTAURO.....	17
O JOGO DA LINGUAGEM.....	21
A REPRESENTAÇÃO NO CENTAURO.....	27
UMA ANALOGIA EM CENTAURO.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA.....	46

APRESENTAÇÃO

A escolha deste conto Centauro da obra *Objecto Quase* de Jose Saramago consiste num desejo pessoal de realizar uma pesquisa bibliográfica a partir da estética pós-moderna. A hipótese levantada por nós foi a de que a figura do personagem configura para nós o sujeito pós-moderno para isto contrapomos a obra Dom Quixote ({1604} 2003) de Miguel de Cervantes, com o conto para termos uma idéia mais clara sobre a transformação do sujeito moderno para o pós-moderno.

Procuramos evidenciar a teoria moderna, como ela valorizava a questão do humano, negando todo e qualquer vínculo com o espírito divino que dominou o período medieval. A arte moderna passa representar o homem mediante a sua própria complexidade em fase do mundo transformado.

A figura dos dois personagens irá prefigurar o homem a partir destes dois estilos literários, sendo que no Centauro há um desmanchar das fronteiras, dos limites, pois ele incorpora todos os estilos.

A FIGURAÇÃO DO SUJEITO PÓS-MODERNO EM CENTAURO, DE JOSE SARAMAGO.

A APRESENTACAO DO PERSONAGEM

O presente trabalho tem como finalidade aprofundar a hipótese de que o Centauro prefigura o Dom Quixote ressignificado. De maneira que buscaremos respaldo para evidenciarmos como ocorre o deslocamento de uma obra considerada paradigma da modernidade *Dom Quixote* de Cervantes ({1604} 2003) para uma obra que pode ser considerada de uma estética pós-moderna, "*Objecto Quase*" ({1978} 1997) de Jose Saramago sendo que o nosso corpus de análise será o penúltimo conto da coletânea em questão, "Centauro". A obra em si, ou mais especificamente o conto em questão pode ser considerado de uma estética pós-moderna mediante ao que já foi dito sobre o autor referente a outros trabalhos, em que nele o inverossímil se instala:

Quando chegamos a este conto já estamos preparados para aceitar o inverossímil que já não distinguimos do real, pelo depósito que se foi acumulando no nosso fundo, até se perder de vista a consciência, de onde olhamos, o que nos leva a repeti-lo, por fantasia ou sonho, no que descansamos, nem todos quase (Matos:1991,11)

Nesta narrativa curta de Saramago vamos encontrar uma espécie de agouro para as suas futuras escritas, pois nele se conflituam todas as dicotomias narrador, personagem, tempo, espaço, passado presente, ficção e real. Não se permitem ler o texto com base na estrutura de pensamento de outrora. Mas o passado é reelaborado de uma forma particular que na maioria das vezes irá contrapor toda a idéia que se tinha acumulado em nossa consciência até então. Mediante o que já lemos sobre o escritor José Saramago, entendemos que o escritor dentre várias características instaurou um estilo próprio de escrita, no sentido de que a partir dele a noção de

romance passou a ser vista de forma diferenciada. A obra a qual nos propomos trabalhar vem evidenciar esta fala uma vez que nesta obra o autor consegue fazer uma junção de coisas, ou seja, de pequenos detalhes cotidianos considerados as vezes insignificantes, e deles montar uma história, um episódio dignos de ser refletidos. Especificamente o conto Centauro que nos dá uma visão clara de como o autor faz um emaranhado de coisas tornarem-se um.

O cavalo parou. Os cascos sem ferraduras firmaram-se nas pedras redondas e resvaladiças que cobriam ao fundo quase seco do rio. O homem afastou com as mãos, cautelosamente os ramos espinhosos que lhe tapavam a visão para o lado da planície. (SARAMAGO:1997,109)

Assim que nós nos deparamos com este trecho que é o primeiro parágrafo do conto, a impressão que temos é de um homem sobre um cavalo percorrendo uma floresta, O cavalo caminha e o homem vai se protegendo das folhagens, dos declives. O narrador não dá brechas para que o leitor interprete de outra maneira, e neste sentido que o leitor passa pelo primeiro parágrafo, segundo, terceiro, quarto para só então, no quinto parágrafo ser nos revelado que o homem e o cavalo são dois pólos de um único ser, na figura desmontada e aglutinada do Centauro.

Apesar de construir o efeito de dois personagens nos primeiros parágrafos, o leitor entra no jogo do acreditar, mas desconfiando, isto porque a ação do personagem ou da história em si já está em andamento desde o início, pois propositalmente o narrador deixa um ar de mistério que está por se desvendar. A história já se inicia no meio do percurso do personagem, e só sabemos de onde ele vem e para onde ele vai no decorrer da leitura.

Durante o conto percebemos o conflito, a angústia desta junção que não é síntese. Homem e cavalo não conseguem entrar num acordo, apesar de serem "membros" de um mesmo ser. Possuem desejos e comportamentos diferentes. O conflito interior é exteriorizado na figura do personagem. O narrador apresenta uma constante inquietação deste personagem, sempre em busca de algo,

caminhando para qualquer lugar do sul em direção ao mar. Nesta caminhada observamos que a sua consciência aponta em direções opostas, sendo que de um mesmo cérebro partiam os sonhos, os desejos, as intenções de um ser composto por espécies diferentes. Homem e cavalo, sonho e realidade. *Enquanto o cavalo permanecia no plano físico do mundo empírico, o homem divaga com as coisas que eram sim deste mundo físico em que estava, mas não deste tempo.* (SARAMAGO: 1997,110) Às vezes o homem olhava para trás, para o seu tronco de cavalo, e observava a grande cicatriz, que fazia o centauro ter tristes recordações. O passado está sempre presentificado.

A trajetória do Centauro é uma espécie de fuga para qualquer lugar que o liberte da realidade de ser um Centauro. O diferente, a falta de adequação consigo mesmo, o torna inadequado, ou melhor, ele se sente um estranho no seu próprio país. Como homem, estranha os homens de agora, do presente. Pois no passado mítico ele era querido e amado pelos seres humanos. *Do incompreensível ódio. Esta terra era a sua, mas quem eram os homens que nela viviam?* (SARAMAGO: 1997, 121) Agora tudo se transformou.

O homem quis olhar para trás, ver donde vinha o perigo, mas o cavalo antecipou-se e rodando veloz sobre as patas da frente, desferiu um violento coice que apanhou o cão no ar. O animal foi bater contra as pedras morto. Não era a primeira vez que o centauro se defendia assim mas de todas as vezes o homem se sentia humilhado. (SARAMAGO: 1997,119)

Era espectador de suas próprias ações, como num paradoxo, pois o que fazia não dependia exclusivamente de sua vontade, era como se uma parte de si adquirisse autonomia própria.

Percorria todo o mundo, todas as florestas, porém nenhum lugar lhe era natural, era um nômade:

Durante milhares de anos, até onde o mar consentiu, percorreu toda terra possível, mas em todos os seus

itinerários passava de largo sempre que pressentia as fronteiras de seu primeiro país. O tempo foi passando. Por fim, já lhe não sobrava terra para viver em segurança. (SARAMAGO: 1997,115)

O Centauro fora expulso de seu lugar de origem. O povo se transformara e chegou o "tempo da recusa". As coisas já não eram como antes, tranquilas como no tempo em que as pessoas o respeitavam, até lhe laçavam flores entrelaçadas por sobre o seu lombo de cavalo e coroas na sua cabeça. Aqui a alusão é clara ao cristianismo imposto sobre a figura e a cultura pagã, moderna. "O tempo da recusa" é o tempo do medievalismo, depois o da racionalidade moderna, que continua cristã. Até chegar ao momento em que o mundo totalmente transformado irá desconsiderar o mítico e a razão pura como coisas separadas, para uni-las, prefigurando o sujeito na pós-modernidade em que com todas as suas deformações teve que buscar uma forma para sobreviver no mundo atual. Assim como o unicórnio, as quimeras, os homens pés-de cabras, morcegos, os musaranhos. Representações do homem na sua natureza humana. Contraditória.

O próprio conto constitui a prefiguração do Centauro. Isto no sentido de que nas primeiras páginas, parágrafos, o narrador nos dá uma idéia de como seja o cavalo: agitado, impetuoso, aparentemente normal como todo cavalo. O homem é racional, paciente, sempre procurando o melhor meio de contornar a situação, só depois o narrador compõe ambos num único ser. Primeiro visualizamos a imagem de um homem e depois de um cavalo, depois de um ser composto pelos dois seres, no entanto, a junção dos dois pólos é apenas simbólica, posto que as ações são opostas, diferenciadas. Homem e cavalo não se completam. Há uma fragmentação desse ser que é representada através de uma estrutura narrativa fragmentada.

No começo do conto somos inseridos diretamente na ação do personagem, a história já está acontecendo em algum lugar da floresta, entre as montanhas, planície, rios, de qualquer país do mundo, a única definição concreta que temos é a de "montanhas", "campo aberto", "rios", "valas". Estas são as palavras de início do conto, que nos fazem idealizar um espaço difuso, mesmo que depois este espaço que pressupúnhamos ser concreto se desfça com o momento em que o

personagem Dom Quixote é transportado para o texto, pois além da quebra de espaço, a ordem temporal também passa a ser diluída.:

Viu um homem de lança e armadura, em cima de um mirrado cavalo, investir contra um exercito de moinhos de vento. Viu o cavalo ser atirado ao ar e depois um outro homem baixo e gordo acorrer, aos gritos, montado num burro. Ouviu que falavam uma língua que não entendia, e depois viu-os afastarem-se, o homem magro maltratado, e depois e o homem gordo carpindo-se, o cavalo magro coxeando, e o burro indiferente. Pensou sair-lhes ao caminho para ajudar, mas, tornando a olhar os moinhos foi para eles a galope, e, postado diante do primeiro, decidiu vingar o homem que fora atirado cavalo abaixo. (SARAMAGO: 1997,116)

Neste trecho do conto o autor faz uma espécie de citação da obra de Cervantes, isto implica dizer que o leitor precisaria ter um conhecimento prévio para uma melhor compreensão do texto. O Centauro investe contra o inimigo de Dom Quixote e vinga-o. No moderno a realidade aparente passa a ser contestada o que explica a atitude de Dom Quixote investindo contra os moinhos, enquanto que o Centauro rompe de vez com esta relação de realidade, tanto que é por ele que o Quixote realmente consegue destruir o inimigo (moinho)

O passado e o presente ficam frente a frente. Isto sobre o ponto de que o conto Centauro corresponderia a uma encenação narrativa pós-moderna. As duas estéticas personificadas pelos dois personagens se confrontam num diálogo reflexivo, pois somos levados a pensar nas duas posições em busca de um destino.

Percebemos ainda a variação do tempo físico, no décimo sexto parágrafo. temos: *o sol escondera-se* (Saramago:1997,116) em seguida no vigésimo parágrafo temos:

o azul do céu foi desmaiando, inundou-se o espaço de mil cores de forja, e o entardecer arrastou devagar a noite como um corpo cansado que por sua vez vai adormecer (SARAMAGO,1997,122)

A mudança entre dia e noite ocorre rapidamente, de forma que o leitor fica sem controle para definir em que momento se dá os acontecimentos exatamente.

A RELAÇÃO DA TRAJETORIA DO CENTAURO

Depois de uma longa caminhada o centauro foge dos homens e alcança as montanhas que o levariam ao mar. Este mar que ele tanto buscou, Agora estava frente a frente com aquilo que significaria respostas.

Muito ao longe, mar apenas, nenhuma ilha, e o som duma brisa que cheirava a pinheiros, não o bater da onda, não o perfume angustioso do sal. O mundo parecia um deserto suspenso da palavra povoadora. (SARAMAGO: 1997,126)

As respostas não vêm, é apenas o vazio, da palavra, que se limita deixando o silêncio falar. Ao final do conto nos deparamos com o seguinte trecho:

Vinte metros abaixo, uma lâmina de pedra, inclinada no ângulo necessário, polida por milhares de anos de frio e de calor, de sol e de chuva, de vento e neve desbatando, cortou, degolou o corpo do centauro naquele preciso sítio em que o tronco do homem se mudava em tronco de cavalo. (SARAMAGO: 1997, 127)

O Centauro caminha em direção ao sul, na direção do mar, um encontro tão esperado, e justamente neste momento Centauro encontra a morte, que vem representar o sujeito em busca da razão das coisas, terminando no vazio, no nada. Trata-se de uma caminhada sem destino certo apenas a morte.

A trajetória do centauro consistia em dormir e caminhar apenas porque tinha patas e sono. (SARAMAGO: 1997, 115). Não se trata de um herói em busca de um objetivo vitorioso. Ele foge. O conto Centauro vem encenar a condição pós-moderna, pois vem em todos os aspectos, analisando a partir da teoria que concebe essa estética. O sujeito se vê sem perspectiva, caminhando em meio à multidão; desprovido de qualquer certeza, é como se a vida consistisse no vazio. O caminhar em busca de respostas. O dormir no sentido de repetir a mesma

condição, como se fosse um círculo em torno do mesmo ponto. Por isto dizemos que A figura do Centauro prefigura para nós o "Dom Quixote", de Cervantes ressignificado. Numa postura por excelência pós-moderna, posto que o passado é retomado mas sem a pretensão de propor saídas, soluções. Consistindo apenas numa contestação do estado de coisas imposto.

O espaço paraliterário é o espaço do debate, da citação, do sectarismo da traição, mas não é o espaço da unidade, da coerência ou da resolução no qual pensamos como constituinte da obra de arte. Esse é o espaço do pós-moderno.(HUTCHEON: 1991,28)

Em termos estéticos o Centauro é um desherói, visto que na constituição dele toda a concepção clássica é questionada, revista. Em *Dom Quixote* isto já acontece quando para ocupar o lugar de herói Cervantes se utiliza de um personagem que perde o juízo devido às muitas leituras das narrativas medievais. Ele é o herói da ação de outros. Ele não as vive. Ele as lê. É um simples fidalgo, sem nenhum precedente de nobreza que o classifique com o perfil de herói da Antiguidade clássica ou medieval tal como nobreza de sangue ou caráter elevado nas ações.

Uma vez que na atualidade pós-moderna as fronteiras estão diluídas, e tem muitas entradas. Em *Dom Quixote* era razão e emoção separadamente, no Centauro funde-se numa única figura. A releitura da figura mítica do herói não o apresenta agora a partir de um centro fixo, ele palmilha no campo da incerteza, da insegurança, estranho de si mesmo uma vez que o ser moderno é tido por excelência como um ser paradoxal. E isso por ser homem e cavalo, no Centauro temos síntese de uma dialética que ainda não se sintetizou.

Vale ainda dizer que o mundo em *Dom Quixote*, apresenta o desmanchar da perspectiva. Nos termos de Rosenfeld a perspectiva corresponde a uma nova postura da arte seja na pintura, no teatro, bem como na literatura, uma vez que o homem passa ser redefinido, como sujeito complexo. Daí a arte vem configurar em suas expressões esta complexidade

O homem é a própria perspectiva, posto que. A reviravolta copernicana é seguida de outra, no dizer de Kant: já não é o mundo que prescreve as leis à nossa consciência, é esta que prescreve as leis ao mundo. (ROSENFELD: 1985, 78)

Os personagens em Dom Quixote põem esta afirmação em evidência já que o que se projeta a todo instante é a consciência dos mesmos, a realidade empírica é apenas um pano de fundo na construção de um novo mundo. Relativiza o mundo clássico, mas absolutiza sua própria relativização. Assim, visto como sujeito moderno opõe a sua lógica ao sujeito clássico. Esvazia de sentido o religioso do homem antigo e do homem medieval, mas sacraliza o jurídico, e o Estado. A modernidade experimenta o novo na certeza de que poderia obter respostas, soluções para as questões do homem e da arte, que com a expansão da indústria e do direito se tornaram reproduzíveis, mecanizados e desindividualizados em meio à multidão. No início da modernidade no século XVII temos a inversão da ordem, o homem é colocado lugar que antes era ocupado por Deus isto conseqüentemente implicaria em rever em todas as bases e princípios. É o que se faz no decorrer do século XVIII e século XX, no ocidente, com as teorias renascentistas.

A perspectiva moderna foi o berço para que viesse surgir a estética pós-moderna, já que o presente só se constitui a partir de um passado. Apesar do pós-moderno negar as convenções racionais do moderno, precisa dele para existir, por isto existe um reelaborar das formas passadas, resultando numa estética mista, aglutinada, é o ponto de partida para desrealização ou seja, eis a razão para o Centauro citar Dom Quixote, este é o embrião daquele. Como ele centraliza no homem a verdade de "desmantelar" essa figura que foi montada.

O deslocamento que a modernidade promove é sobre tudo que antes parecia ser incontestável, inabalável, no entanto o sujeito pós-moderno é contraditório e fragmentário, não se vê solução. Não fez a síntese da sua contradição. A estética chamada pós-moderna não oferece nenhuma explicação ou respostas para os questionamentos. É neste sem sentido que o desherói de Centauro prossegue, porque ele personifica a quebra do centro fixo da

racionalidade moderna. Assim sua narrativa transcorre basicamente num fluxo de consciência em que assistimos à triste saga de um desherói, sem berço, casa e muito menos vitorioso, as suas lutas não passam do mundo da inconsciência, do sonho. O mítico é dessacralizado e humanizado. Eis a ressignificação. Se antes, na narrativa mítica e clássica o mito era uma alegoria que remetia ao humano, simbólica mas indiretamente, na pós-modernidade o mesmo ser mítico é o próprio homem, o personagem personifica os dramas e angústias humanos diante dos impasses da sua própria consciência. *Todos os dias em sonho lutava com Héracles e vencia-o* (SARAMAGO:1997,114). Mas não havia nenhum prêmio para o vencedor, os deuses presenciavam a luta e depois se afastavam, era uma vitória irreconhecida.

O JOGO DA LINGUAGEM

A pós-modernidade apresenta um jogo com a arte. Assim como o herói no Centauro prefigura uma ruptura com o típico herói do passado, a própria estrutura textual corresponde a um jogo de linguagem, um envolvimento do leitor, pois não vamos encontrar uma história ou um texto que nos coloca a par dos acontecimentos de maneira complacente, pelo contrário, a narrativa força-nos a refletir sobre o que está sendo colocado como ficção e realidade, sonho, tempo físico ou tempo da consciência. Isso pode ser percebido na postura do narrador ao iniciar o conto, dando pequenas pistas que nos deixam sem a idéia do todo da cena. Há uma quebra da unidade tradicional na estrutura do texto, pois apesar de crermos que existe um narrador que narra de fora dos acontecimentos é possível perceber a consciência do personagem que se mistura com a voz do narrador, de forma que não identificamos em alguns trechos, com certeza, se é o narrador ou o personagem quem afirma:

Está perto. A vala por onde segue é apenas um acidente, leva a qualquer lado, é obra de homens e caminho para chegar a homens. porém aponta na direção do sul é isso que conta (SARAMAGO: 1997,117)

As duas últimas orações do trecho citado deixam à impressão de que são palavras usadas a partir da perspectiva do Centauro também que ora se sente homem e hora não. *Esta terra era sua, mas quem eram os homens que nela viviam?* SARAMAGO: 1997, 121) O personagem se vê estranho em seu próprio mundo, mesmo sendo esta sua terra, na medida que ele está em conflito consigo mesmo consequentemente os homens respondem da mesma maneira. Dizemos que o monólogo interior (característica da composição desse conto) pode se apresentar de maneira direta e indireta na linguagem da narrativa diretamente, quando a voz do inconsciente do personagem é colocada misturada à própria voz do narrador, sem pontuação que a ela se refere, e de maneira direta durante a

apresentação do pensamento de ambos. Há uma mistura completa. O narrador onisciente ora se coloca à consciência do personagem, ora não, mas quando cola, é indiretamente, a mistura não é presentificada, não é na ordem direta da frase. O efeito narrativo é da incerteza. Atmosfera de sonho ou inconsciente presente no plano do texto, intercalado à atmosfera real. O efeito do duplo que não é um só continua.

Não existe delimitação marcada porque nem tudo que parece ser realmente é. Precisamos entrar no jogo textual, visto que a narrativa está voltada para sua própria construção, no sentido de que a construção da figura e da interpretação é simultânea à elaboração textual de uma maneira dialética, porque permite ao leitor compreender a sua maneira, criar a sua própria expectativa, não é uma história em que se pressupõe o que virá depois. Na literatura pós-moderna os narradores são deliberadamente provisórios e limitados muitas vezes enfraquecendo sua própria onisciência aparente. (HUTCHEON: 1991,24). Por isto dizemos que o narrador não é tutelar, nem neutro. Ele é personagem e não é. Posto que o narrador apenas sugere, o controle dos fatos e das ações dos personagens fugiu-lhe das mão, já que a arte pós-moderna é de uma perspectiva variável, no qual radicaliza-se todo o procedimento de figuração narrador-personagem racionalizado, chegando mesmo a seguir uma linha única e singular.

O narrador perspectivou em contar somente aquilo que lhe é possível, a sua palavra é limitada, falível para falar dos sentimentos e opiniões do homem total. Apenas superficial. Narrador e personagem podem variar de posição ou fundir-se num só.

Esta perto. A vala por onde segue é apenas um acidente, leva a qualquer lado, é obra de homens e caminho para chegar a homens. Porém aponta na direção do sul, e é isso que conta (SARAMAGO: 1997, 117)

Aqui o narrador retrata um momento da consciência do personagem, como se este momento estivesse acontecendo. Ao fim do trecho não sabemos ao certo se narrador ou o personagem quem diz. Neste sentido a narrativa esta

personificando a figura do centauro, visto que existe uma eliminação das fronteiras, dos limites que separam uma quebra das dicotomias. Narrador, personagem, tempo, espaço todos causam dúvida perante sua constituição tradicional, visto que o que a teoria coloca como bem exposto se dilui: tempo presente e passado se confluem em um só, espaço dimensional e não dimensional se transforma no espaço onírico por predominância, o personagem não apresenta função e delineamentos definidos. A chamada estética pós-moderna, segundo Hutcheon, apresenta um personagem historicamente construído, posto que nele todos os estilos são depositados. Não é possível apresentar um romance ou mesmo um texto que seja privado a uma única postura, já que: o impulso pós-moderno não é buscar nenhuma visão total. *Ele se limita a questionar. Caso encontre uma dessas posturas, ele questiona a maneira como na verdade, a fabricou* (HUTCHEON: 1991, 37) ele vai trazer para si as formas anteriores para só então encontrar a si mesmo. Não é mais possível apresentar-se um romance ou mesmo um texto que seja privado, organizado, passando agora para uma noção política social, o que caracteriza o sujeito da pós-modernidade público no sentido de que tudo que é inerente ao homem passa ser fonte de discussão mesmo as pequenas coisas. De certa forma é um sujeito público no sentido de que tudo nele se torna notícia.

Conforme a nossa hipótese o centauro prefigura o sujeito da pós-modernidade por várias questões que lhe concordam. Há um momento no texto em que o narrador faz um retorno ao passado a partir da própria consciência do personagem: *Durante muito tempo, enquanto o mundo se conservou também ele misterioso, pôde andar a luz do sol.* (SARAMAGO: 1997,114). Este tempo pode ser entendido ao momento da Antiguidade, como já dissemos, sujeito de constituição religiosa, apenas ouvia, aceitava, obedecia, centralizado na figura dos deuses ou de um Deus todo poderoso. Mas o tempo da recusa chega e agora *O mundo transformado perseguiu o centauro, obrigou-o a esconder-se* (SARAMAGO: 1997,115). Antes ele vivia numa única condição, depois de servo tornou-se senhor, quis ser dono de si mesmo, sem a dominação ou o controle do Estado. Agora este sujeito passa a incorporar a peça chave do Estado. Para os conservadores crentes da superioridade divina seja da consciência ou da religião,

esta mudança racional, autônoma do sujeito, é vista como ameaçadora perigosa. Daí muitos serem perseguidos pelo conservadorismo cristão. Em *Dom Quixote* temos um personagem que representa esta transformação. Ele se transporta de uma realidade que ele não acredita mais ser possível, por isso Cervantes apresenta um personagem tido como louco.

Na história este sujeito racional, reapresentado em *Dom Quixote*, atinge uma outra fase. O trecho do *Centauro* em que Dom Quixote aparece é justamente no momento em que ele vê um moinho de vento e acredita ser um gigante com muitos braços que quer atacá-lo no capítulo VIII da primeira parte da obra, ele vai ao encontro com uma imagem que cria, está apenas na sua consciência representando assim o encontro dos dois momentos. É a visão moderna contra o antigo, passado. A figura do centauro vai revelar que sujeito esta totalmente dentro do embate. No centro do conflito. Não é nenhum nem outro, mas são os dois ao mesmo tempo. Que não se tornam um. Há uma quebra da similitude clássica, o que nos leva a entender esta contradição como sendo uma crítica à representatividade mimética da literatura clássica. Volta-se para o tempo da significação, pois agora a linguagem da lugar para que a realidade possa ser interpretada livremente, por isto existe um vácuo entre realidade e representação artística.

Na narrativa mítica Heracles herói da mitologia Grega filho de Zeus, era inimigo mortal dos centauros, apesar de ter dito um professor e amigo chamado Kíron, que era centauro. (Kíron é o centauro instrutor dos heróis) Foi Hércules quem dizimou a raça dos centauros, que fazia o centauro todos os dias sonhar matando-o com as suas próprias mãos. Entretanto o centauro do conto encontra-se muito distante do Hércules, aquele que o tornou solitário incapaz de perpetuar a sua espécie, por isto ele tem de se contentar com o plano do sonho. Era o seu único sonho de vida há milhares e milhares de anos, lutar contra Hercules e vence-lo.

O indivíduo que raciocina. Ele duvida da realidade dos sentidos, das emoções, domina-as pela razão uma razão doentia, ironizada, ridicularizada, desencanta-se pela razão: "penso logo existo" na figura do centauro se

ridiculariza, pois é “a parte” cavalo que vence sempre. “A parte homem” chora e lamenta

A figura mitológica do Centauro aparece para trazer à tona a discussão a própria mitológica a partir de outro ponto de vista, pois este Centauro possui uma característica peculiar. É o Centauro de dentro para fora, a partir de seu mundo interior. Ele busca lugar, respostas e não as encontra, ironizando assim a própria mitologia, que explicava todas as coisas. Agora temos um personagem percorrendo vários caminhos na tentativa de atingir um ponto chave ao qual nunca chega.

O centauro revela para nós uma postura singular, posto que sendo uma narrativa curta é possível encontrar no texto vários aspectos que nos leva a classificá-lo de uma estética pós-moderna.

Porém, a nostalgia como uma evasão do presente, a idealização de um passado (fantasia) ou uma recuperação desse passado como sendo endêmico, então decididamente o repensar irônico pós-modernista da história não é nostálgico. De forma crítica, ele confronta o passado com o presente, vice-versa. Numa reação direta contra a tendência de nossa época no sentido de valorizar apenas o novo e a novidade, ele nos faz voltar ao passado, para verificar o que tem valor nessa experiência passada, se é que ali existe mesmo algo de valor. (HUTCHEON: 1991,63)

É neste sentido que a narrativa do conto Centauro funciona: em trazer o passado à luz do presente, permitindo um repensar, um questionamento das verdades difundidas. Ao trazer para o mesmo plano o clássico (a figura mitológica centauro), o moderno (Dom Quixote) e o pós-moderno (centauro) no qual ocorre a presença conjunta destes momentos.

No enredo, milhares e milhares de anos o Centauro caminhava, realizou várias aventuras, mas de todas a maior aventura foi o encontro que teve com o Dom Quixote. O texto não cita o nome do personagem, mas em se tratando de um leitor que já conheça a obra logo percebe que o texto se refere ao *Dom Quixote* e

seu fiel escudeiro, por isto diz-se que para entender a literatura pós-moderna é preciso conhecer outros textos, pois ela mistura várias tendências. Enquanto acompanhamos a trajetória empírica do centauro; sem aviso prévio o narrador nos transporta para um outro tempo: o da consciência do personagem, onde se dá o encontro de ambos, que simboliza a nosso ver o encontro dos tempos. Passado e presente. Dom Quixote, ao ser arremessado longe por uns moinhos de vento que ele mesmo transforma em gigantes pode revelar de certa forma uma crítica a noção cristã do mundo clássico, pois já dissemos que no conto toda a realidade aparente começa a ser questionada, para se perder totalmente.

Já neste milênio último, quando no meio de um descampado árido viu um homem de lança e armadura, em cima de um mirrado cavalo, investir contra um exército de moinhos de vento. Viu o cavalo ser atirado ao ar e depois um outro homem baixo e gordo acorrer, aos gritos, montado num burro. Ouviu que falava numa língua que não entendia, e depois viu-os afastarem-se, o homem gordo carpindo-se, o cavalo magro coxeando, e o burro indiferente (SARAMAGO:1997,116)

O tempo da consciência e o tempo real no conto são misturados, não há uma delimitação precisa. O fato é narrado como se fosse algo no tempo real, durante a caminhada do Centauro, mas logo percebemos que está apenas no inconsciente do personagem. É o retorno ao passado de que Hutcheon nos fala. O passado confrontando o presente dialeticamente.

A REPRESENTAÇÃO DE CENTAURO

A consciência do personagem é narrada simultaneamente à sua jornada empírica, por isto a dificuldade em delimitarmos um e outro, posto que o narrador usa da ambigüidade: Centauro, homem e cavalo em momentos distintos da história construída. No momento em que o narrador diz: *ouviu que falavam numa língua que não entendia e depois viu-os afastarem-se*, (SARAMAGO:1997,116), podemos entender como caracterizando simbolicamente as diferenças de estética entre moderno e pós-moderno.

Dom Quixote é a primeira das obras modernas, pois que aí se vê a razão cruel das identidades e das diferenças desdenhar infinitamente dos signos e das similitudes: pois que aí a linguagem rompe seu velho parentesco com as coisas, para entrar nesta soberania solitária donde só reaparecerá, em seu ser absoluto, tornada literatura; pois que aí a semelhança entra numa idade que é, para ela, a da desrazão e da imaginação. (FOUCAULT :1992,62)

A modernidade de Dom Quixote segundo Foucault, estaria em encontrarmos a quebra da similitude das coisas, pois o romance significa a perda do poder de dominação da realidade empírica. O que vale na modernidade são os signos. *Dom Quixote é o paradigma de uma luta também eterna entre invenção e realidade* (CERVANTES: 1604, 70). A obra vem revelar que esta concepção de representação clássica que Foucault chama de "coisas" onde a palavra pretendia retratar a coisa, ou seja, o objeto na fidelidade da descrição não é mais possível. *A escrita e as coisas não se assemelham mais. Entre elas Dom Quixote vagueia ao sabor da aventura*. (FOUCAULT:1992,63). Todas as coisas em volta de Dom Quixote ganham um novo significado. A guardadora de porcos é transformada em Dulcinéia encantada, a venda em castelo, os moinhos em gigantes etc.

Esta maravilhosa quietação, e os pensamentos que o nosso cavaleiro sempre trazia dos sucessos que a cada passo se contam nos livros de ocasionadores de sua desgraça, trouxe-lhe a imaginação uma das estranhas loucuras que bem se podem figurar, e foi julgar-se ele chegado a um famoso castelo (que, segundo já dissemos, os castelos eram em seu entender todas as vendas em que pernoitava), e que a filha do vendeiro era a filha do castelão, a qual, vencida de sua gentileza, se havia de vir passar com ele um bom pedaço; e tendo por firme e verdadeira toda esta quimera fabricada entrou a afligir-se a pensar no período em que a sua honestidade se ia ver; (CERVANTES:1604,98)

Dom Quixote cria sua própria realidade, uma realidade particular, sendo ele senhor de suas ações critica todas as convenções a sua volta com autonomia. Ele arma-se cavaleiro e sai pelo mundo afora em busca de aventuras e fama, que elevassem o seu nome a todas as terras e sobretudo alcançasse a sua tão amada Dulcinéia. De forma que o personagem possui um ideal, uma perspectiva. Sancho Pança está entre acreditar piamente em seu amo e manter-se firme na perspectiva de realidade de escudeiro que os seus olhos viam. Posição esta que entendemos como a transição da Antiguidade para o Moderno.

A partir da obra de Cervantes instaura-se um novo tempo: com suas voltas e reviravoltas, as aventuras de Dom Quixote traçam o limite: nelas terminam os jogos antigos da semelhança e dos signos; nelas já se travam novas relações (FOUCAULT:1992,61)

A realidade empírica torna-se de certa forma um brinquedo na mão de Dom Quixote e Sancho Pança. Um idealiza uma realidade enquanto o segundo finge acreditar nas coisas que o amo vê. É a representação do sujeito moderno no momento em que ele começa questionar a realidade aparente, da Antiguidade. Há uma oscilação em sua postura diante do que vê.

O semelhante que fora durante muito tempo categoria fundamental do saber - ao mesmo tempo forma e conteúdo do conhecimento - se acha dissociada numa análise feita em termos de identidade e de diferença; ademais quer indiretamente por intermédio da medida, quer diretamente e como que nivelada a ela, a comparação é reportada à ordem; enfim, a comparação não tem mais como papel revelar a ordenação do mundo; ela se faz segundo a ordem do pensamento e indo naturalmente do simples ao complexo (FOUCAULT: 1992,69)

Na obra de Cervantes a realidade apresentada é intermediada pela ordem do pensamento dos personagens, por isto Foucault ainda diz que: *a linguagem se retira do mundo dos seres para entrar na sua era de transparência e de neutralidade* (FOUCAULT:1992,71), daí dizemos que em Dom Quixote a linguagem apresenta uma autonomia, pois ela quebra a noção de representatividade das coisas e vagueia na ordem do pensamento dos personagens, que pode variar de uma posição para outra, que se demonstra no comportamento dos dois personagens da obra

O conto revela uma questão importante com relação à figura do Centauro e do personagem Dom Quixote. Posto que a figura do homem sobre o cavalo, na obra de Cervantes representa para nós o homem segundo a teoria de Descartes, em que o pensamento, a razão, dava ao homem o poder de controlar, suas atitudes, emoções, ou mesmo explicar a vida através da racionalização. Esta é a visão do homem em *Dom Quixote*.

Sendo assim fácil entender como a forma-sujeito muda substancialmente do contexto feudal para o burguês, tendo em vista que no primeiro caso temos a forma de sujeição pessoa/pessoa, incompatível com a idéia de livre iniciativa, e no segundo, a forma de sujeição pessoa/estado associado à idéia de um sujeito considerado livre e responsável (RICHTER: 1986, 8)

Dom Quixote caracteriza este sujeito jurídico, como já dissemos dono de suas ações. Ele tem as suas próprias iniciativas. Há uma explicação que se quer

sempre de forma racional. O homem é colocado no centro do mundo que antes era ocupado por Deus. As coisas nele passam a ter um novo significado, o que vem evidenciar a posição do homem capaz de mudar aquilo que por muito tempo foi posto e tido como verdade absoluta. O sujeito da modernidade deixa as velhas tradições para traz e tem grandes projetos de mudanças. Possui um espírito revolucionário, como vemos na atitude do próprio personagem que acreditava que conseguiria mudar o mundo:

Afinal, rebatado já de todo juízo, deu no mais estranho pensamento em que nunca jamais caiu louco algum no mundo, e foi: parecer-lhe convinável e necessário, assim, para o aumento de sua honra própria, como para proveito da república, fazer-se cavaleiro andante, e ir-se por todo o mundo, com as suas armas e cavalo, a cata de aventuras, e exercitar-se em tudo em que tinha lido se exercitavam os da andante cavalaria, desfazendo todo gênero de agravos, e pondo-se em ocasiões e perigos, donde, levando-os a cabo, cobrasse perpétuo nome e fama. (CERVANTES: 1604,32/33).

O Centauro vem contrapor este quadro, pois ele figura o sujeito da pós modernidade, onde os limites entre razão e instinto fundem-se e o homem se vê perdido, deslocado, percorrendo um caminho desconhecido, entre muitas pessoas, mas todas estranhas. No conto não existem respostas nem explicação e no entremeio de razão e instinto está a figuração do sujeito que palmilha sobre a incerteza. O que parece ser não é, visto que se acreditava na existência de um centro fixo e racional, com o advento do mundo administrado pela ciência e pela informação. Tudo se transforma Este centro desfaz-se no Centauro e o homem agora não tem perspectiva de nada. A postura de Sancho Pança remete-nos a esta descrença pois ele dúvida da certeza racional de Quixote, aceita sair-lhe em companhia pelo mundo e nesta companhia ele diverte-se com as loucuras do amo:

"Ora muito bem! Tudo tem remédio, menos a morte, que a todos nós há de levar no fim da vida. Este meu amo, já tenho visto que é um louco de pedras, e eu também não lhe fico atrás, que até sou ainda mais mentecapto do que ele, pois que o sirvo e sigo, se é verdade o rifão: 'Diz-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens'. Sendo assim tão doido, dando-lhe a loucura para tomar a maior parte das vezes uma coisa por outra, o branco pelo preto e o preto pelo branco, moinhos de vento por gigantes, mulas de religiosos por dromedários, rebanhos por carneiros por exércitos de inimigos, e outras desse jaez, não será difícil fazer-lhe crer que a primeira lavadeira que eu por aí topar é a Senhora Dulcinéia; e, quando ele o não acredite, eu juro, e se ele jurar também, juro outra vez, e se teimar, eu ainda mais temo, de forma que fique sempre na minha, venha o que vier". (CERVANTES:1604,391).

Sancho manipula a situação a seu favor. A realidade começa ser ironizada com Sancho para atingir ponto máximo no Centauro, quando por ele tudo se desmancha. No Centauro a complexidade mediante a própria construção do conto nos remete à figuração do sujeito da pós-modernidade: estranho para com os homens e consigo mesmo, ele não é capaz de falar de suas próprias emoções, muito menos ouvir o outro. O que se reafirma no encontro dos dois personagens: Dom Quixote e Centauro, quando este diz: *Ouviu que falavam um língua que não entendia, e depois viu-os afastarem-se*, (SARAMAGO:1997,116) É um sujeito sem ideais, sem projetos preocupado em cultivar sua própria alta imagem, em busca da satisfação do aqui e agora. Esta no centro da crise dos valores. A única fé que existe é a da descrença. Santos, em sua obra *O que é pós-moderno* (2000) classifica o sujeito pós-moderno como sendo o sujeito da "descrença": social, histórica, política, trabalho, família e religião. Todas estas instituições passaram a ser vistas de forma desdenhosa.

Por ora, contentemo-nos com saber que o pós contém um des - um princípio esvaziador, diluidor. O pós-modernismo desenche, desfaz princípios, regras, valores, práticas, realidades. A des - referencialização do real e a des-substancialização do sujeito, motivadas pela saturação do cotidiano pelos signos, foram os primeiros exemplos. (SANTOS: 2000, 18)

É o desmanchar de todas as convenções. No momento em que o Centauro, perseguido pelos homens, cai de cima da ribanceira, o corpo, sob o golpe da queda, separa-se justamente no lugar em que o tronco de homem se mudava para o tronco de cavalo. Subentende-se que é o fim do Centauro, o que nos faz pensar que a separação entre razão e instinto não pode mais ser concebida, posto que o homem vive entre estes dois pólos.

No conto, como já dissemos, a figuração do sujeito da pós-modernidade se dá a partir do gesto que recorta o personagem, uma figura mitológica ressignificada, em uma obra pós-moderna. Este é o processo que será chamado por Hutcheon de metaficção historiográfica trata-se de

uma auto consciência teórica sobre a história e a ficção como criações humanas (metaficção historiográfica) passa a ser a base para seu repensar e sua reelaboração das formas e dos conteúdos do passado" (HUTCHEON: 1991,22)

no qual acontece um repensar, sobre a narrativa histórica, a partir da própria ficção. É sob esta ponto da estética pós moderna que nos propomos a falar uma vez que esta é uma característica marcante no conto *Centauro*.

Ao longo deste estudo, vou afirmar que o pós-modernismo é um empreendimento fundamentalmente contraditório: ao mesmo tempo, suas formas de arte (e sua teoria) usam e abusam, estabelecem e depois desestabilizam a convenção de maneira paródica, apontando autoconscientemente para os próprios paradoxos e o caráter provisório que a elas são inerentes, e é claro, para sua reinterpretação crítica ou irônica em relação à arte do passado (HUTCHEON; 1991,43)

Trata-se daí também no plano da estrutura ao mesmo tempo em que a chamada pós-modernidade critica a arte do passado, precisa dela para sua própria existência, o que a torna contraditória. Entendemos que seja uma contradição necessária, já que a condição pós-moderna não sugere nenhuma solução, apenas radicaliza. O texto diz que o Centauro há milhares e "milhares de anos" percorria a terra e que num tempo muito remoto ele vivia em paz com a sociedade.

Há milhares de anos que percorria a terra. Durante muito tempo, pode andar a luz do sol. Quando passava, as pessoas vinham ao encontro e lançavam-lhe flores entrançadas por cima de seu lombo de cavalo, ou faziam com elas coroas que ele punha na cabeça. (SARAMAGO: 1997,114)

Este tempo concordamos que corresponde ao tempo da Antiguidade, da mitologia grega, em que havia um equilíbrio entre homem e mito, o conhecimento se dava no plano religioso na tradição da terra, era restrito, apenas uma repetição do passado, de pai para filho. Isto corresponde ao quadro da visão mitológica do passado do Centauro. Antes ele era encontrado apenas nas sombras dos grandes heróis clássicos, visto apenas como uma minoria, ao contrário de agora; enxergarmos o Centauro a partir da sua própria visão de mundo.

Enquanto tinha o seu lugar no mundo e podia andar sob o sol, sem preocupação, o Centauro permanecia tranquilo. O conto nos diz que houve um tempo em que esteve esquecido, era apenas uma lenda: andava à noite e dormia de dia, escondendo-se dos homens. A trajetória do personagem oscila entre todos os tempos. Passado, por ser ele o mesmo Centauro mencionado pela Antiguidade que se depara com um momento de total rejeição, pois o mundo transformado o perseguiu, obrigou-o a esconder-se. Acreditamos que caracteriza a modernidade, pois logo em seguida se dá o seu encontro com o Quixote, caracterizando a pós-modernidade. A união das duas estéticas. Por algumas páginas o Centauro prossegue o caminho sem ser visto. *O homem hesita. Há muitos anos que não*

ousava caminhar a descoberto, sem a proteção da noite. (SARAMAGO: 1997,118). Até que um dia durante o percurso é visto por um pastor e da-se início a uma perseguição final. O centauro não é visto apenas como uma lenda, passa a ser real na ficção, o que a literatura pós-moderna faz é retomar a figura mítica de forma clara revelando nisto a nossa própria condição. O personagem percorre todos os caminhos, caracteriza o sujeito da pós-modernidade, oscilando entre todos os estilos. O sujeito do pluralismo. É o Centauro que carrega as marcas de todos os tempos.

Durante a guerra de Lapidas, em que Hércules dizima toda a raça dos centauros, um consegue escapar. Dando início a uma triste condição de vida, pois o Centauro sozinho passaria o resto de seus dias vagando pelo mundo. Sem parada, raízes, esperanças, sob as sombras de um passado dramático, indo em direção à um futuro inesperado. O que nos leva dizer que o passado foi destruído de certa forma, no entanto dele foi extraído algo para ser reelaborado, ampliando assim uma nova visão de mundo. *Talvez repesos, os mesmos deuses favoreceram então o centauro escondido, cegando os olhos e o entendimento de Herácles por não se sabia então que desígnios.* (SARAMAGO: 1997,113)

O Centauro instala de certa forma uma desrealização do Amor, no sentido completo, puro, ideal entre um homem e uma mulher. Este sentimento que durante muito tempo foi posto como ideal. No texto o personagem ao se deitar sobre a mulher não consegue concretizar o ato revelando a fragilidade deste sentimento, que ele não "existe" conforme se pregava na visão clássica, agora ele é apenas "desejo".

Enquanto o personagem dorme, pela exploração de sua consciência, o narrador nos fala de como o mundo transformado perseguiu o Centauro e os outros seres semelhantes. Uns acabaram por adaptar as condições que o mundo oferecia e outros inadequados morrem. Assim como o Centauro, estes seres também tipificam a ambigüidade entre homem-animal.

Uns como o unicórnio, morreram; as quimeras acasalaram com os musaranhos, e assim apareceram os morcegos; os lobisomens introduziram-se nas cidades e nas aldeias e só

em noites marcadas correm o seu fado; os homens de pés de cabra extinguiram-se também, e as formigas foram perdendo tamanho e hoje ninguém é capaz de distinguir entre aquelas suas irmãs que sempre foram pequenas. (SARAMAGO: 1997,115)

Todos os seres aqui representados possuem certa anormalidade, fora dos padrões do politicamente correto. O diferente, o estranho, ou seja, as minorias vêm ocupar um espaço de destaque na literatura pós-moderna. Já que este adjetivo nos remete para o sujeito pós-moderno, bombardeado entre tantas informações, sendo programado por computadores, este sujeito é constituído por Santos por três apoteoses: consumista, hedonista e narcisista. A união destes adjetivos revela um sujeito caótico, perdido em meio a um mundo ainda mais ilógico. É um sujeito preocupado com o poder de ter cada vez mais, pelo simples prazer de possuir, uma vez que o mercado oferece inúmeras possibilidades que irão satisfazer o seu próprio ego, que lhe permitirá ainda mais buscar a satisfação do corpo, já que existe uma inversão dos valores. O prazer da carne é colocado em evidência, o aqui agora é que realmente vale. O futuro já não importa por isto ele se entrega as todas as paixões sem preocupar com o "velho" conceito de certo e errado. A única coisa que ele cultua é a sua própria imagem

O narrador prossegue dizendo que: *Milhares de anos tinham de ser milhares de aventuras. Milhares de aventuras, porém são demasiadas para valerem uma só verdadeira e inesquecível aventura.* (SARAMAGO: 1997,115). O referido trecho trata do encontro do centauro com Dom Quixote. Uma aventura, apesar de ter sido uma das maiores aventuras de sua vida, é apenas nisto que ela consiste, quando Dom Quixote, é atirado ao longe pelos moinhos caracteriza quebra da realidade empírica iniciada por ele, atingindo o ápice na pós-modernidade, ou seja, o centauro quebrando todas as noções de real e irreal, certo ou errado.

O rosto do homem é comparado ao de uma estátua gasta pelo tempo, tempo este que se encarregou de transformá-lo, deixando-lhe apenas a feição de homem.

O mar, que não foi sonho, ainda ressoa nos ouvidos do homem, ou não o real ruído do mar, talvez o bater visto das ondas sonoras que vem sobre as águas, sobem pelas gargantas rochosas ate ao alto, ate o sol e ao céu azul de outra vez água. (SARAMAGO: 1997,117)

Este trecho nos dá uma melhor idéia do que estamos afirmando sobre a noção do real e sonho, uma vez que este momento se refere a parte em que o personagem desperta do seu sonho, quando teve o encontro com Dom Quixote. Ao final do parágrafo o texto diz: atravessou ao mar. Depois voltou para trás. (SARAMAGO: 1997, 116) que entendemos que no seu inconsciente ele alcançou o mar, mas depois voltou, tendo em vista que volta para a "realidade". Aqui sonho e realidade se misturam.

Se espelhava sobre o vale tanto que não podia ser apenas o da simples, pequena lua da terra, Selene silenciosa e fantasmal, mas o de todas as luas levantadas na infinita sucessão das noites onde outros sóis e terras se unem e outros nenhuns nomes rodam e brilham. (SARAMAGO:1997,122)

Este olhar para o passado, significa a postura da estética pós-moderna: "sucessão de todas as noites". O passado ressignificado no presente.

A jornada do Centauro finaliza-se quando ele alcança o mar. Mas este encontro não lhe ofereceu nada, e se encerra na profundidade, no infinito. É o sujeito pós-moderno sem identidade, sem horizontes preocupados apenas com as revoluções cotidianas. A vida torna-se frágil, caótica e sem explicação racional. O sujeito então chega num momento que as palavras se encerram, ficam mudas.

Na modernidade as minorias sociais são trazidas empiricamente para o centro das narrativas. O personagem central de Dom Quixote é apenas um fidalgo que vivia num lugar de La Mancha: *'Era rijo de compleição, seco de carnes,*

enxuto de rosto, madrugador, e amigo da caça (CERVANTES:1604,31) Um personagem que está aquém de todo conceito de nobreza clássica, como já dissemos. Perdera o juízo e passou a percorrer o mundo, ao lado do seu fiel escudeiro: um homem de bem e de pouco “sal na molera,” protagonizando as maiores situações cômicas possíveis.

UMA ANALOGIA EM CENTAURO

O gesto que observamos no Centauro de José Saramago pode ser esteticamente uma inversão deste, pois ao invés das minorias empíricas, o pós-modernismo traz para o centro das narrativas as minorias míticas da própria literatura, o que vem reafirmar a hipótese de leitura da nossa discussão, onde o esquecido, o diferente, é retomado. A literatura é contestada, desafiada, questionada, a partir de seu próprio interior: toda esta discussão apenas abre caminho e não determina nada. Este mesmo gesto se dá no conto. "A casa de Asterion" de Jorge Luis Borges quando o personagem Minotauro (Asterion) da literatura Grega, é colocado no centro da narrativa".

Um texto deveras curto, mas de uma profunda carga reflexiva. Segundo a mitologia grega, os centauros eram personificações das forças naturais desenfreadas, da devassidão e embriaguez. O conto pode ser considerado como um segundo momento da modernidade visto que o personagem Minotauro inicia o conto narrando a sua história a partir de sua própria voz, sem intermediário. Ele olha para as pessoas da sociedade e se coloca superior a elas, classifica-as como Plebeus:

Mesmo porque, num entardecer, pisei a rua; se voltei antes da noite, foi pelo temor que me infundiram os rostos da plebe, rostos descoloridos e iguais como a mão aberta.
(BORGES: 1948,52)

Assim como o Centauro o Minotauro também é uma figura mitológica: um touro com cara de homem. O Minotauro de "A casa de Asterion" tem sido considerado um símbolo da fatalidade, que determina o curso da vida humana. Para nós o Centauro, além de desherói, representa o personagem descentralizado da literatura grega, valorizado por Saramago, gesto este que se repete em "A casa de Asterion". O narrador é o próprio personagem. O Minotauro narra a história a

partir da sua visão de mundo. O seu olhar é de puro desdém ao falar da maneira como as pessoas o vêem, ele ridiculariza e ironiza tudo a sua volta.

O fato é que sou único, Não me interessa o que um homem possa transmitir a outros homens: como filósofo, penso que nada é comunicável pela arte escrita. As enfadonhas e triviais minúcias não encontram espaço em meu espírito capacitado para o grande; jamais guardei a diferença entre uma letra e outra. Certa impaciência generosa não consentiu que eu aprendesse a ler. (BORGES: 1949, 52)

Com isto o escritor reelabora a história do personagem, a partir da visão do mesmo dando-o liberdade para divertir-se com a versão original da história. A metaficção historiográfica torna as literaturas mestras, secundárias. O personagem movido por um espírito narcisista reconta a história paródicamente, uma vez que percebe-se uma quebra do hermetismo do texto, característica tão bem empregada na literatura clássica. O escritor dá ao personagem um toque de zombaria capaz de colocar por terra qualquer conceito de literatura mestra.

O Minotauro é narrador e personagem da história. Ele dá a sua versão dos fatos, como sendo a única versão correta. Diz a mitologia grega que o personagem após ter nascido de uma relação ilícita entre a rainha Pasífae e um touro, foi colocado para viver num labirinto construído exclusivamente para ele. Com o tempo o Minotauro declara guerra a Atenas e vitorioso exigiu que os vencidos enviassem-lhe a cada nove anos sete rapazes e sete virgens para que pudessem ser devorados. No conto o personagem ironiza totalmente esta situação diz que:

Cada nove anos, entram na casa nove homens para que eu os liberte de todo o mal. Ouço seus passos ou sua voz no fundo das galerias de pedra e corro alegremente para busca-los. A cerimônia dura poucos minutos. Um após outro caem sem que eu ensangüente as mãos. (BORGES:1948,53)

Aqui as pessoas são reduzidas a simples minorias, enquanto o personagem é colocado como onipotente poderoso capaz de libertar as pessoas de si mesmas. Ele simplesmente as ignora. É exatamente o recontar da história, uma vez que a narrativa clássica trazia estes seres mitológicos como causadores de situações desfavoráveis. Agora ele é o herói da história, mesmo que seja apenas no seu pequeno mundo interior baseado no alto grau de egocentrismo do personagem.

A obra "Objeto Quase" de Jose Saramago possui os seguintes contos: Cadeira, Embargo, Refluxo, Coisas, Centauro e Desforra. O primeiro conto gira em torno de uma cadeira que ameaça cair devido a um caruncho que se instalou e o peso elevado de um ditador. Neste sentido o autor narra o episódio numa mistura de consciência e realidade.

"Embargo" é um outro conto, onde temos um personagem complexo correndo atrás do tempo para comprar gasolina, uma vez que estava se esgotando, e neste vai -e - vem de enfrentar filas de postos e rodar pela cidade, todo o conto prossegue até o momento em que a gasolina esgota, juntamente com a vida do personagem.

Em "Refluxo" temos a história de um rei que manda construir um cemitério no centro da cidade e decreta que todos os mortos deveriam ser enterrados nele. Houve um grande movimento em busca dos mortos de gerações, séculos e anos passados, na tentativa de purificar a terra. Apesar de todo o esforço, o rei não consegue manter o controle da situação e os mortos começaram a ser espalhados novamente pela terra. A cidade cresce em meio aos muros do cemitério e chega o momento que o rei se cansa de tudo e encontra o seu próprio lugar para morrer.

O conto "Coisas" retrata uma cidade onde as pessoas, as coisas, objetos e as máquinas estavam desaparecendo. O governo mobiliza os cidadãos a denunciarem qualquer situação suspeita que levasse a causa do desaparecimento dos ("oumis") abreviatura de objetos, utensílios, máquinas e instalações. Todas as pessoas na cidade são marcadas por precedências de A á Z, uma espécie de hierarquia. A precedência A, B e C eram as pessoas mais privilegiadas da sociedade. Ao saírem pelas ruas todas precisavam apresentar uma para as outras, demonstrando a que precedência pertenciam. Os "Oumis" tornam-se a preocupação principal de toda a sociedade. Ao final do conto aparecem algumas

peessoas que haviam desaparecido, estas por sua vez haviam provocando todos os desaparecimentos, pois segundo elas as coisas haviam tomado o lugar das pessoas

Em “Desforra” o último conto da coletânea, temos a questão da palavra e da linguagem. Seu poder é limitado, insuficiente para falar das coisas do coração, da alma, dos sentimento, por isto a palavra cala-se e o silêncio fala por si. Apenas pelo olhar dos personagens

Todos os seis contos reunidos, conforme já dissemos, possuem uma peculiaridade pós-moderna. É a consciência, o psicológico, unido à confusão da vida moderna, do fervilhar das grandes metrópoles , onde todas as coisas se misturam sem regras, leis, e as coisas passam a ter prioridade ocupando a posição do homem, este por sua vez em conflito consigo e com os outros homens, não passa de uma figura. E por fim toda essa complexidade torna-se difícil de ser descrita. O homem não é capaz de falar de si mesmo, que dirá do mundo a sua volta.

A coletânea “*Objecto Quase*” de José Saramago foi o último livro de contos do autor, antes de dar início a um longo período de obras romanescas e poéticas que levaram o autor a receber o prêmio Nobel de literatura em 1998. Depois de 1978 com a coletânea publicada em Portugal, Saramago só retornaria a escrever contos em 1997, com o conto a “Ilha Desconhecida”.

Para nós o gesto que Saramago utilizou na escrita do conto, Centauro, com relação ao retorno ao passado e a aglutinação dos tempos narrativos e personagem, que já comentamos caracteriza para nos um prenúncio de possíveis trabalhos.

A obra *Memorial do Convento* (1982), do mesmo escritor, retrata a história da construção de um convento no século XVIII tempo de D. João V. Um momento real da história portuguesa. No entanto a obra não se limita a um romance histórico, que retrata um determinado período, mas possui toda uma particularidade com relação ao estilo e a própria posição do escritor. A obra pode ser considerada uma metaficção hitoriográfica, em que o passado é reelaborado na tentativa de tentar extrair lição desta experiência. Se é que isto seja possível:

Na alegoria melancólica de Michael De Certeau, o passado é como um morto que se afogou no mar do tempo, mas deixou restos que se espalham na praia do presente. (HANSEN: ANO, 21)

Restos que Hansen define como sendo "restos de roupas," que serão usados conforme for pertinente o momento. Daí encontrarmos na obra uma perspectiva borrada, uma vez que a própria construção do convento consiste num desejo pessoal do rei e não está em prol de uma causa coletiva. Para alcançar seu objetivo, D. João V subjuga milhares de homens aos trabalhos infundáveis da construção. Saramago retorna ao passado criticando-o, ironizando-o, permitindo uma reflexão em vista do presente. O narrador instaura a paródia, invertendo aquela ideologia comprometida, com o poder e o culto glorioso ao passado de Portugal. O que temos nessa obra é a dessacralização deste passado.

No Centauro a figura mítica retomada prefigura o sujeito na perspectiva pós-moderna, enquanto que em *Memorial do Convento* são as figuras humanas anônimas da sociedade do século XVIII que são retomadas, as pessoas simples. Temos personagens históricos reais como D. João V rei de Portugal, dona Maria Ana Josefa, rainha de Portugal e o músico italiano barroco Domenciano Scarlatti, bem como os personagens fictícios: Baltazar e Blimunda, protagonistas. E outros secundários: João Elvas, Manuel filho, José Pequeno, e outros.

No primeiro Capítulo temos a apresentação dos personagens reais:

D. João, quinto do nome na tabela real, ira esta noite ao quarto de sua mulher, D. Maria Ana Josefa, que chegou há mais de dois anos da Áustria para dar infantes à coroa portuguesa e ate hoje ainda não emprenhou. Já se murmura na corte, dentro e fora do palácio que a rainha provavelmente tem a madre seca, insinuação muito resguardada de orelhas e bocas delatadoras e que só entre os íntimos se confia. (SARAMAGO: 1998,11)

Só a partir do IV capítulo que teremos a entrada dos personagens fictícios do qual darão sentido a todo o desenrolar da história, os que representam o “povo”, a massa anônima da sociedade.

Este que por desfrontada aparência, sacudir espada e desaparelhadas vestes, ainda que descalço parece soldado, é Baltazar Mateus, o Sete-Sóis. Foi mandado embora do exercito por não ter mais serventia nele, depois de lhe cortarem a mão esquerda...(SARAMAGO:1998,34)

Em *Memorial do Convento*, os personagens Blimunda e o padre Bartolomeu evidenciam a chegada de um novo tempo onde o ser humano racional ocupará um lugar central no mundo; livre de toda a opressão e restrição ideológica religiosa.

Com base no quadro apresentado por Oliveira (1993) diríamos que as obras são apresentadas as memórias do povo simples de então numa perspectiva que lhes dão valor. Para Joaquim Matos (1991, 10) José Saramago em “Obejecto Quase” transforma tudo em história, que ele também chama de história de estórias, uma vez que a partir de um determinado ponto se reconstrói uma nova história. Para Matos:

Neste conjunto de contos, em *Objecto Quase*, há quase uma seqüência, onde a história do homem é montada em painéis, que vão desde a alienação, com opressões internas e externas, actual, ate a sua própria natureza espontânea, amoral, livre: o encontro do jovem e da jovem no final, em que o silencio renasce, identificado com a natureza, sobre as cinzas da palavra e que de todas os vírus se tornou potadora. (MATOS: 1991,11)

Com isto dizemos que o Centauro vem revelar-nos uma profunda carga reflexiva, visto que engloba muito bem a questão da natureza humana seja nas

suas particularidades internas (medos, conflitos, opressões), bem como na sua autonomia racional livre, frente a uma sociedade caótica e conflituosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num primeiro momento procuramos demonstrar em como se dá a apresentação do personagem no texto, no qual o escritor usa de técnicas para dar-nos impressão oposto daquilo que realmente é, de maneira que ao longo da leitura do texto o leitor vai se completando, ou seja ele não se define conforme a própria figura do personagem. Em seguida verificamos a relação da caminhada do personagem para com a condição do sujeito pós-moderno, baseando-nos na estética pós-moderna apresentada por Linda Hutcheon, visto que a arte pós-moderna vem desconstruir aquilo que estava posto trazendo um novo significado, mas sem absolutizar nada.

Para este fim procuramos dizer que a estética pós-moderna vem parodiando tudo a sua volta, é um retorno ao passado sempre com uma reelaboração crítica. Como foi o caso da obra Memorial do Convento e o conto "A casa de Asterion" onde coloca-se em destaque as "minorias".

Em suma, procuramos evidenciar em nossas argumentações, como a figura do Centauro prefigura-nos o sujeito na sua condição pós-moderna, visto que este encontra-se confuso entre o eu interior e exterior. Ele comporta-se conforme o fervilhar das sociedades pós-modernas. Perto e ao mesmo tempo longe dos homens e de si mesmos.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

HUTCHEON, Linda. Teorizando o pós-moderno: rumo a uma poética e Moldando o pós-moderno: a paródia e apolítica. Poética do pós-Modernismo: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago 1991.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. Dom Quixote São Paulo. 25ªed. Nova cultural 2003.

LOPONDO, Lílian. Saramago Segundo Terceiros. São Paulo. Humanistas publicações, ffich/usp.1998.

SARAMAGO, Jose. Objecto Quase. São Paulo, ed: Companhia das Letras, 1997.

BORGES, Jorge Luis. In O Aleph, ano 1949.

SARAMAGO, Jose. Memorial do Convento. 25ª ed. Bertand Brasil, Rio de Janeiro 2000.

OLIVEIRA, Odiel Jose de. Carnaval no Convento: intertextualidade e paródia em Jose Saramago, editora da Universidade Estadual Paulista, São Paulo 1993.

MATOS, Joaquim, Objecto Quase. Contos para adultos adulterados" in letras&letras, Lisboa, Dasser n° 49, 19 de junho de 1991, p.11. Disponível em http://.citi.pt//cultura/literatura/romance/saramago/ma_obp_5_html acesso em: 10/04/06.